

REFLEXÕES SOBRE DESENHO ESCOLAR E CULTURA

Camilla Carpanezzi La Pastina
Mestranda em Artes Visuais- UDESC.
Professora da Faculdade Educacional da Lapa (FAEL/EDUCON).

Resumo

O presente artigo aborda o desenho infantil como um código de cultura. Utilizando as definições de Paul Claval, estabelecemos diversas relações entre desenho e cultura. Cada cultura dita suas regras através de um sistema de valores, perceptível ou não, mas sempre presente. É desta forma que as crianças aprendem o que é desenho em nossa sociedade. O desenho é um código de cultura, assim como a comunicação oral e gestual, a escrita e as novas mídias. Os códigos de cultura são transmitidos de geração a geração e de lugar a lugar. A mídia é responsável por uma difusão de grande e rápido alcance. Sua influência está presente desde cedo, mas aparece mais fortemente após a entrada no Ensino Fundamental, como mostram alguns desenhos de crianças de 7 e 8 anos da cidade de Curitiba-PR.

Palavras-chave: *desenho infantil, cultura, código cultural, mídia.*

Abstract

The current article approaches childish drawings as a code of culture. Using Paul Claval's definitions, we've established several connections between the drawings and culture. Each culture dictates its rules through a system of values, either perceptive or not, but always existent. That's the way children learn what drawing means in our society. Drawing is a code of culture, such as oral and gesture communication, writing or new media. Codes of culture are passed from generation to generation and from one place to the other. The media is responsible for its broader and fast-reach diffusion. Its influence is present since the beginning of school, but it's more evident on Elementary School, as shown on some drawings from children of ages 7 and 8, from Curitiba - PR.

Keywords: *childish drawings, culture, code of culture, media.*

O desenho infantil enquanto código de cultura

Segundo Claval (2001, p. 63), “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”. Abordar o conceito de cultura não é uma tarefa simples, especialmente hoje, com as trocas culturais aceleradas pela globalização. É preciso compreender que uma mesma cultura pode abrigar muitas outras. Numa mesma sociedade existem diferenças internas: de renda, religião, faixa etária, sexo, entre outras características, de modo que poderia se falar que cada uma possui uma cultura.

As culturas se perpetuam através dos atos de reprodução. Como estamos inseridos em uma cultura, dificilmente nos damos conta dela, pois a mesma é reproduzida automaticamente. “A vida cotidiana é assim toda penetrada de automatismos: não há necessidade de parar para refletir, o que convém fazer é conhecido; a situação pode ser avaliada num golpe de olhos” (CLAVAL, p. 80). É no contato com o outro, com a cultura do outro, que melhor percebemos a nossa. Falar baixo numa igreja ou cortar a grama do jardim são hábitos culturais tão enraizados em nossas sociedades que pode parecer difícil explicar o seu significado, pois parecem óbvios (COSGROVE, 1998). Pode se dizer o mesmo em relação ao ato de desenhar: quando entramos em contato com desenhos de outras culturas, é que passamos a refletir sobre a função do desenho em nossa sociedade.

Cada cultura utiliza códigos próprios de comunicação que são transmitidos através do tempo e do espaço. A criança aprende muitos desses códigos através da imitação. Claval (p. 66) define, de uma maneira geral, os seguintes códigos de comunicação: comunicação oral e gestual; escrita; desenho e artes plásticas; desenho técnico e finalmente novas mídias. Estas últimas podem ser divididas em mídia de massa (cadeias de rádio e TV) e mídia interativa (telefone, telemática, fax, videofone).

Os códigos culturais são aprendidos desde a infância. Na verdade, desde o nascimento do bebê inicia-se a transmissão da cultura na qual ele está inserido. Para Claval “desde o começo, o aprendizado ecológico é socializado. A mãe ensina os ritmos cotidianos do despertar e do sono, o dia e a noite. Ela habitua seu bebê a colocar roupas que o protegem das intempéries - e sobretudo, ela o alimenta” (2001, p. 64).

A decisão de dar uma folha de papel para seu filho desenhar é igualmente cultural. Tomamos melhor consciência deste fato quando o comparamos com outras culturas. Algumas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, até os anos 60, nunca haviam desenhado usando papel e lápis, já que o lugar do desenho é no corpo. (VIDAL, 2000). Desta forma, cada cultura estabelece qual o suporte (pele, papel, etc) e qual o estilo de desenho adotar.

Como um código cultural, o desenho é transmitido. A criança vê desenhos à sua volta: através da televisão, das embalagens de produtos diversos, vê pessoas desenhando em diversas situações (ao telefone, ao fazer um mapa), vê crianças maiores desenhando e adultos desenhando com ela. Assim a criança assimila o estilo de desenho que é apreciado e aquele que é negado em sua sociedade.

“O desenho da criança, desde cedo, sofre influencia da cultura por intermédio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, de imagens e atos de produção artística que observa em TV, computador, gibis, rótulos, estampas, objetos de arte, vídeos, cinema, fotografias e trabalhos artísticos de outras crianças”. (IAVELBERG, 2003, p. 83).

Desta forma, conceitos sobre o desenho considerado válido dentro da cultura são aprendidos na infância. É, portanto, no contato com o meio circundante, ou em outras palavras, com a cultura de uma sociedade, que são formados conceitos sobre o desenho.

Difusão através do tempo e do espaço

As culturas difundem-se através do tempo e do espaço, mesclam-se e sofrem interferências diversas. O desenho infantil também. Segundo Claval, uma novidade começa a difundir-se a partir de um centro: antigamente essa difusão ocorria de próximo em próximo através da vizinhança, hoje, com a imprensa e as novas mídias, essa difusão ocorre de forma mais aleatória. É a chamada difusão hierarquizada, onde a distância em relação ao centro de inovação já não é mais determinante.

O desenho sofre reprodução, pois é transmitido de geração a geração e de lugar a lugar. Brent e Marjorie Wilson (1982) verificaram a transmissão de desenhos de geração a geração, por exemplo, nos desenhos de carro em estilo caixote desenhados por crianças que andam em carros de linhas sinuosas, nos desenhos de casas com telhado feito por crianças moradoras de apartamento:

A cultura da infância efetivamente transmite jogos e rimas de um século para o outro. Assim fazem também os irmãos e companheiros “ensinando” um ao outro como desenhar, bem como *o que* desenhar. Tivemos apenas de observar a quantidade de casas com telhado desenhadas pela geração atual de moradores de apartamento, ou então, os carros em forma de caixote dos anos 30, produzidos por crianças que andam em carros de linhas sinuosas, para avaliar como as imagens do passado continuam a ser transmitidas. [...] As letras e os cantos das cantigas de roda de hoje são distorções das antigas cantigas de roda transmitidas por

sucessivas gerações; portanto, parece provável que muitos dos nossos mais estereotipados signos configuracionais são aqueles que têm sido delineados, de uma forma ou de outra, por nossos avós. (WILSON; WILSON, 1982, p. 65).

Quanto à transmissão de lugar a lugar, para Cox (1995) ela pode ocorrer dentro de uma sala de aula ou de escola a escola, atingindo toda uma região. Em determinadas regiões, as crianças podem adotar um estilo de desenho por várias gerações. Neste caso, a difusão parece pertencer ao primeiro grupo - difusão de próximo em próximo onde o fator determinante é a distância do centro.

Segundo Cox:

Algumas crianças podem manter e desenvolver seu estilo com pouca influência de outras crianças; outras, ao contrário, talvez copiem o modo como outras desenhavam. Essa influência pode se propagar por uma sala de aula ou se tornar ainda mais ampla, de modo que um estilo local se torne perceptível. (1995, p. 67).

Brent Wilson (apud COX, 1995) observou uma determinada forma de desenhar os braços, que atingia um terço dos desenhos de uma escola da Califórnia na década de 20. Wilson verificou o mesmo estilo nos desenhos de crianças italianas recolhidos por Corrado Ricci na década de 1880. Posteriormente descobriu que a escola havia recebido imigrantes italianos justamente na década de 20, o que parece sustentar a hipótese de que esta forma de desenhar era das crianças italianas e difundiu-se pela escola. Segundo Cox, é difícil dizer por que determinado estilo torna-se aceito. Um fator pode ser a popularidade da criança que o instaura, mas “o estilo em si deve também se mostrar passível de ser adotado por sucessivos grupos de crianças ao longo de vários anos” (COX, 1995, p. 74).

Em 1932, G.W. Paget recolheu mais de 60.000 desenhos de crianças da África e da Ásia e comparou com desenhos de crianças da Europa e América. Percebeu que as últimas têm um estilo arredondado de desenhar a figura humana, enquanto que as primeiras utilizam formatos angulosos. Brent e Marjorie Wilson (1984) também observaram posteriormente “o típico tronco retangular islâmico” no desenho de crianças do Oriente Médio (apud COX, 1995).

Desenhos “livres” de uma turma de 2ª série de Curitiba

A difusão espacial dos desenhos escolares pode ser observada sempre que entramos em uma sala de aula. Esta influência coletiva parece aumentar quando as crianças sentam todas juntas em uma grande mesa e podem observar de perto o desenho de seus colegas, como mostram desenhos “livres” coletados em uma 2ª série de uma escola da cidade de Curitiba, no mês de abril de 2007. Os desenhos mostram uma clara diferenciação entre meninos e meninas.

Em que sentido estes desenhos de crianças podem ser vistos como reproduções dos códigos culturais? Em primeiro lugar, o desenho das meninas mostra a utilização de estereótipos utilizados há tempo por nossa cultura, delineados talvez por nossos avós, como sugeriu Wilson. Este tipo de desenho é definido por B. Darras como um esquema pertencente ao “nível de base” dos processos cognitivos.

Segundo Bernard Darras, os esquemas gráficos do “nível de base” são aqueles componentes mentais que acessamos rapidamente, irrefletidamente, automaticamente sempre que se faz necessário. Entre esses esquemas, há aqueles que somos capazes de repetir (muitas vezes por toda a vida) e são utilizados por crianças e adultos não iniciados em arte. Darras nomeia “iconotipos” esses esquemas de alta reprodutividade. Esses esquemas estão firmemente consolidados na memória individual, mas também são validados por uma memória social e coletiva. “O gênero ‘desenho infantil’ é depositário dessa memória e é como gênero atribuído a uma determinada idade que ele se integra na cultura familiar e escolar com seus esquemas do nível de base e seus iconotipos” (2003, p. 14).

Segundo Darras (1996), duas culturas podem desenvolver estratégias de desenho muito diferentes. Uma cultura pode considerar os esquemas do nível de base muito satisfatórios, e aceitá-los inclusive para uso adulto, como é o caso de muitas culturas “primeiras” (termo utilizado pelo autor). Outras culturas, como a nossa, consideram estes esquemas insuficientes ou aceitáveis apenas para crianças.

Praticamente todos os meninos que sentaram juntos desenharam carros *Hot Wheels*. Perguntei onde eles viam os desenhos, ansiosa por saber se os

desenhos eram vistos em estampas (um dos meninos tinha um estojo com esta estampa) ou se os meninos desenhavam a partir dos próprios brinquedos-carrinhos *Hot Wheels*. Eles responderam que vêem o desenho que passa na Tv aos sábados pela manhã.

Os desenhos destes meninos mostram claramente a influência da mídia, que é também um código de comunicação utilizado por nossa cultura de acordo com Claval. Desta forma, um código (a mídia) exerce influência sobre outro (o desenho). Segundo Claval, a mídia é um meio de comunicação assimétrico, pois uma minoria controla e decide o que será difundido para a maioria. O desenho destes meninos mostra uma difusão, entre o gênero masculino, por uma sala de aula, mas uma difusão dada pela mídia. É, portanto, ao mesmo tempo uma difusão hierárquica e de próximo em próximo.

Segundo Steinberg e Kincheloe (2001), a Tv e os brinquedos são áreas pedagógicas, embora não sejam educacionais e sim comerciais (p. 15). “Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc” (p. 14).

Interessante perceber que nestes desenhos já não aparece mais o carro estilo caixote descrito por Wilson. Houve a substituição de um antigo código por outro, através de uma inovação difundida amplamente por diversos países graças à mídia. Isto mostra o quanto as culturas são dinâmicas e, de acordo com Claval, “nada pode frear a incorporação de elementos novos quando são apresentados como substitutos ou complementares dos já existentes” (p. 87).

É importante considerar a idade destas crianças (7 e 8 anos). Lavelberg (1995) define quatro momentos do desenho infantil: nível A ou desenho de ação, nível B ou desenho de imaginação (divididos em 1 e 2), nível C ou desenho de apropriação e nível D ou desenho de proposição. Estas etapas cruzam-se com as quatro principais etapas definidas por Luquet e Lowenfeld. Portanto, segundo Lavelberg estas crianças estariam na fase do desenho de imaginação 2 e “a criança deste nível já tem consciência de que aprende com o outro. Tenta assimilar o jeito da outra criança desenhar, observando as diferenças entre o seu

procedimento e o do outro” (1995, p. 22). Esta idade, de ingresso na vida escolar, mostra o sujeito imerso no grupo, procurando fundir-se a ele.

Estes desenhos escolares, enquanto códigos de cultura, retratam uma época e um local específicos. Quer percebamos ou não, estamos imersos em um sistema de valores definidos por nossa cultura. “Ele dita nossa atitude e guia nossas escolhas. O bem e o mal, o bonito e o feio, o permitido e o proibido, o sábio e o tolo variam segundo as culturas” (CLAVAL, p. 82). Desta forma, as crianças procuram fazer um desenho válido (bom, bonito, permitido) para nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. EDUERJ: Rio de Janeiro, 1998.

COX, Maureen. **Desenho da criança**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

DARRAS, Bernard. **Au commencement était l’image- dessin de l’enfant à la communication de l’adulte**. Paris: ESF éditeur, 1996.

_____. **A modelização semio-cognitiva confrontada com os resultados da neurociência**. Texto publicado em: *Recherches en communication*, Paris, França, n.19, 2003. p 175 –199. Tradução: Maria Lucia Batezat Duarte.

IAVELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança. In:CAVALCANTI, Z. **Arte na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: _____ (orgs). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro, : civilização Brasileira, 2001.

VIDAL, Lux . A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In:_____ (org). **Grafismo indígena: estudos de antropologia e estética**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Edusp, 2000.

WILSON, Brent.; WILSON, Marjorie. (1982). Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de criança. In: BARBOSA, A M. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

CAMILLA CARPANEZZI LA PASTINA

Nasceu em Curitiba- PR, em 1976. Mestranda em Artes Visuais (UDESC), Linha de Pesquisa Ensino das Artes Visuais, sob orientação de Maria Lucia Batezat Duarte. Graduada em Pintura (EMBAP) e Educação Artística (FAP), especialista em Educação Infantil (UTP). Atualmente é professora da Faculdade Educacional da Lapa –PR (FAEL/ EDUCON).